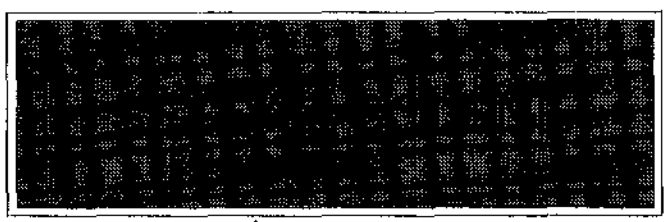
# CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

**TERCEIRA SECRETARIA**

**DIRETORIA LEGISLATIVA**

**DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA E APOIO AO PLENÁRIO**

**SETOR DE TAQUIGRAFIA**



NÚMERO: 86ª

ASSUNTO: Homenagem ao ex-presidente GETÚLIO VARGAS

DATA: 24/08/04

HORA: 10 horas

LOCAL: Auditório da Faculdade de Direito do UniCEUB

CÂMARA LEGISLATIVA
DO DISTRITO FEDERAL

**TERCEIRA SECRETARIA**
**DIRETORIA LEGISLATIVA**
**DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA E APOIO AO PLENÁRIO**

**SETOR DE TRAMITAÇÃO, ATA E SÚMULA**
**SETOR DE TAQUIGRAFIA**

**2ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 4ª LEGISLATURA**

# ATA DA 86ª (OCTOGÉSIMA SEXTA)

**SESSÃO SOLENE**
**EM HOMENAGEM AO**
**EX-PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS,**

**24 DE AGOSTO DE 2004.**

## I - SÚMULA

**AUTORIA:** Deputada Eliana Pedrosa

**LOCAL:** Auditório da Faculdade de Direito do UniCEUB

INÍCIO: 10 horas

CÂMARA LEGISLATIVA
DO DISTRITO FEDERAL

**1 - ABERTURA**

**2 - COMPOSIÇÃO DA MESA**

**3 - PRONUNCIAMENTOS**

**3 - COMUNICADO DA PRESIDÊNCIA**

**2 - ENCERRAMENTO**

## II - DETALHAMENTO

**(O REGISTRO DESTA SESSÃO ESTÁ DISPONÍVEL EM FITA VHS)**

MESTRE-DE-CERIMÔNIAS - Bom-dia, senhoras e senhores.

Damos início à sessão solene proposta pela Deputada Eliana Pedrosa, em homenagem e em reconhecimento ao legado do ex-Presidente Getúiio Vargas.

Esta sessão solene será presidida pela Segunda Secretária da Mesa Diretora da Câmara Legislativa do Distrito Federal, Deputada Eliana Pedrosa.

PRESIDENTE (DEPUTADA ELIANA PEDROSA) - Bom-dia a todos os presentes.

Sob a proteção de Deus, declaro aberta a sessão solene em homenagem e em reconhecimento ao legado do ex-Preside te Getúiio Vargas.

Convido, para compor a Mesa de honra desta sessão solene, o Magnífico Reitor do UniCEUB, Sr. Getúiio Américo Moreira Lopes; o Cel. Aviador Hernani Fittipaldi, ajudante de ordens do ex-Preside nte Getúiio Vargas; a Sra. Aida Adadi Jordano Alves, pioneira de Brasília; o Prof. de Ciências Políticas e Relações Internacionais da Universidade de Brasília, Sr. Valmireh Chacon; o Secretário-Geral do UniCEUB, Sr. Maurício de Souza Neves; e o Sargento do Exército, grande amigo de Brasília e colaborador, que muito me incentivou para a realização desta sessão solene, Sr. Abílio Teixeira.

Neste momento, ouviremos o Hino Nacional.

(Hino Nacional.)

PRESIDENTE (DEPUTADA ELIANA PEDROSA) - Eu gostaria também de convidar, para compor a Mesa, o jornalista Rubem de Azevedo Lima. (Palmas.)

Meus amigos e minhas amigas, reunimo-nos hoje para reverenciar o legado do ex-Presidente Getúlio Dornelles Vargas, falecido há exatos cinqüenta anos. Esta proposta, de minha autoria, recebeu aprovação unânime da Câmara Legislativa do Distrito Federal, pelo que agradeço aos meus pares.

Sinto-me feliz por esta iniciativa e por ela ter sido acolhida e compartilhada pelo UniCEUB. Agradeço de coração ao ilustre Professor e Doutor Valmireh Chacon, cientista político de renome internacional e magnífico palestrante, por estar conosco discutindo a Era Vargas e o seu legado.

Também, de coração, agradeço ao Magnífico Reitor Getúlio Américo Moreira Lopes por repartir conosco a vivência pessoal e a marcante influência exercida pelo ex-Presidente Vargas sobre a trajetória pessoal e política do saudoso fundador do UniCEUB, o Dr. João Herculino Lopes.

Agradeço, por fim, ao Cel. Fittipaldi, que conviveu diuturnamente com Getúlio em sua missão, e ao jornalista Rubem de Azevedo Lima, que também viveu intensamente a época que queremos rediscutir neste momento.

Minhas senhoras e meus senhores, cinqüenta anos passados, a análise da trajetória do Presidente Vargas ainda é um campo fértil para superficialidades, para lugares comuns e para mitificações. Mesmo agora,

por ocasião do cinqüentenário da sua morte, o que se enfoca é o mito, é o Getúlio caudilho, é a República do Galeão, é o Anjo Negro. Passados cinqüenta anos e o Atentado de Toneleiros ainda tem charme. Cinqüenta anos passados, ainda há os que falam sobre a Carta Testamento como se ela sintetizasse o que foi e o que fez o ex-Presidente: "Saio da vida para entrar na história." Meio século depois, e Vargas não entrou para a história, entrou para a tenda e para a mitologia brasileira.

Não creio particularmente que o legado de Vargas mereça continuar sem uma análise mais histórica, mais crítica, mais densa. Creio que é o momento de retirarmos Vargas do campo da lenda, da mitologia. É o momento de tentarmos compreender o legado do ex-Presidente, as transformações ocorridas no Brasil ao longo dos quase vinte anos que Vargas esteve como Chefe de Estado brasileiro. É o momento de, como escreveu Roberto Campos, "navegar com uma lanterna acesa na popa, para saber não o que vamos encontrar, mas o que já atravessamos". A lanterna da popa chama-se história, e mito e história não combinam bem.

O saudoso Professor Eudoro de Sousa, em suas maravilhosas aulas de Antigüidade Clássica, na UnB, ensinava que não há historiador que não saiba que a história se institui e se constitui pela decidida exclusão dos mitos. Consentir que mitos se entrelacem com as linhas da objetividade histórica não é possível. Águas que decorrem de uma fonte não revertem a ela.

Finalizo, pois, deixando esta tribuna para os que, muito melhor do que eu, saberão levar adiante a tarefa histórico-política de retirar Getúlio

Dornelles Vargas do campo da mitologia e da análise superficial, para colocá-lo onde ele, de fato, merece estar: na história. A história do legado de Vargas é parte da história do nosso povo. Compreender a Era Vargas é compreender melhor a nossa nação, é compreender melhor nossos rumos e nosso norte, é saber melhor de onde viemos e, principalmente, para onde queremos ir.

Muito obrigada.

Para dar início aos pronunciamentos desta sessão solene, concedo a palavra ao Cel. Aviador Hernani Fittipaldi, que foi ajudante de ordens do Presidente Getúlio Vargas. O coronel poderá nos dar importantes testemunhos históricos e, também, poderá nos falar do ser humano Getúlio Vargas.

SR. HERNANI FITTIPALDI - Caros componentes da Mesa, a partir de 1950, convivi na intimidade com o Dr. Getúlio Vargas. Teria muitas coisas para contar, coisas que não fazem parte de livros de História. Então, resolvi escrever um livro contando essas intimidades. Escrevo com calma, porque será uma resposta a muita coisa que se falou sobre Getúlio.

Contarei passagens desse meu livro que sempre suscitaram dúvidas - a ação de Gregório Fortunato, por exemplo, no crime da Rua Toneleiros, a posição do Dr. Getúlio quando se iniciou a Ditadura, em 1945, e outras coisinhas mais -, porque, senão, eu teria de falar, durante horas, acerca desses fatos sobre os quais estou escrevendo há quase três anos. Com a minha idade, tenho de ir mais devagar, para contar exatamente o que aconteceu.

Certa vez, perguntei ao Dr. Getúlio como ele se sentia na qualidade de ditador. Ele me respondeu: "Ilegal, mas é preciso entender, Major, que o poder, neste país, foi sempre uma concessão dos militares porque todos eles eram candidatos, principalmente, os da Revolução de 30. A partir daquele instante, todos eles eram capazes e, como todos eram capazes, eles não chegavam a um acordo. Então, entregaram-me o poder. Eles tratavam da parte militar e eu conseguia, com o apoio deles, fazer toda aquela legislação que eu pretendia fazer."

Vejam a diferença que há depois de 64. Creio que eles não chegaram a um acordo, naquela época, porque parece que todos eram incapazes, e, então, ficaria difícil de escolher um. Hoje surgem várias outras perguntas em decorrência do filme *Olga*. Naquela época, Dr. Getúlio nem sabia disso. Quem tratava dessas coisas era... Ele só queria a liberdade para primeiro aprovar o sonho dele, que era a lei da Petrobras, e todas essas coisas de que o Brasil precisava para garantir a independência econômica. Esse era o sonho do Dr. Getúlio.

O Brasil tinha ligações com a Alemanha quando houve o pedido de extradição. O Ministro da Guerra e o Chefe do Estado Maior do Exército tinham uma grande ligação com a Alemanha. O nosso equipamento do Exército vinha todo da Alemanha. Então, houve um pedido oficial para que fosse repatriada a Olga, que tinha vindo acompanhando Prestes. Conversei com Prestes sobre isso também. E o Dr. Getúlio nem tomou conhecimento disso, pois o pedido foi levado para o Judiciário e o Supremo foi quem determinou que Olga fosse repatriada para a Alemanha, onde ela respondia

a seiscentos inquéritos, pela morte de muita gente. Não a conheci e somente procurei saber o que tinha acontecido quando ela foi devolvida para a pátria dela. Se Olga estivesse legalmente casada com Prestes não teria sido repatriada, pois teria o direito de permanecer no Brasil.

Dr. Getúlio não tinha nada com isso, e vejam o inverso: Graciliano Ramos, que foi também uma das figuras da época, tendo inclusive escrito sobre o tema o livro *Memórias do Cárcere,* em 1951, foi eleito Presidente da Associação Brasileira dos Escritores. Naquela ocasião, ele mandou um convite para o Dr. Getúlio. Fui ao evento representando o Presidente Getúlio Vargas, sentei-me ao lado dele, à mesa. Quando fomos ao gabinete dele, perguntei se eie tinha alguma mensagem para mandar para o Presidente. E ele, depois de autografar um exemplar do livro *Memórias do Cárcere,* dedicando-o ao Presidente, disse-me: "Diga ao Presidente que eu gostaria de saber por que fui preso em 1935." E eu disse a ele: "Amanhã eu lhe trago a resposta. Vou levar o meu livro também autografado, que o senhor vai me dar."

Chegando lá, eu disse ao Sr. Presidente: "O Graciliano mandou esse presente para o senhor e pediu para eu lhe perguntar por que ele foi preso em 1935." E S.Exa. me disse: "Eu também não sei por que ele foi preso, porque era um departamento que fazia todas essas coisas. Agora, diga a ele que também não sei e que lamento profundamente, porque, em 1939, quando ele esteve aqui, no Palácio, para me agradecer por eu ter mandado nomeá-lo Inspetor de Ensino, eu não estava aqui para recebê-lo; mas estou aguardando a visita dele."

No outro dia, fui lá e transmiti a mensagem ao Graciliano. E vocês vejam que a toda hora se fala no livro dele: *Memórias do Cárcere,* como se fosse uma... E essa ligação que ele tinha aconteceu depois. Tudo isso que estou contando a vocês foi depois - em 1951.

Sobre o crime da Rua Toneleiros. Estive no Galeão conversando com o Cel. Adil e o Cel. Escapo, que estavam realizando aquele inquérito com poder total: entravam em qualquer repartição e retiravam tudo. Cheguei lá e perguntei se podíamos conversar sobre isso. Ninguém falou nada. Um cidadão ali, que era da Justiça, o único representante, disse-me: "Os crimes são de corrupção." Eu disse: "O senhor deve ter muita coisa do corrupção aqui. Então, eu vou lhe dar dez minutos para o senhor me mostrar a mais 'cabeluda' de todas." Eles estavam com todo o poder: entravam numa repartição, levavam todos os documentos e a Justiça ficava omissa; então, ele devia ter, pelo que ele falava, milhões de casos. E eu disse: "Eu quero que o senhor me arranje o mais 'cabeludo' de todos. Eu lhe dou dez minutos, enquanto eu continuo conversando com o Escapo e o Adil."

Dez minutos depois, virei para ele e disse: "Agora, o senhor me conte o caso mais 'cabeludo'." E sabem o que ele me mostrou? O caso do Gregório Fortunato. Eu perguntei: "O que tem o Gregório Fortunato?" Ele respondeu: "Ele ganhava dinheiro para manter o jogo do bicho." Eu disse: "Eu venho aqui para o senhor me falar em jogo do bicho? O jogo do bicho continua funcionando. Há 30 dias o Gregório está preso, e o senhor está procurando saber quem é que está levando agora? Vai ver que é o senhor. E esta preocupação sobre o jogo do bicho é muito nova no senhor, nunca tinha

ouvido falar". Eu perguntei: "Eu posso falar com o Gregório?" Então, fui encontrá-lo, "pintoso", como ele sempre andava. Ele me disse: "Major, o senhor não imaginou que eu fosse fazer uma besteira dessa? Que eu ia praticar um crime, mandar matar um cidadão, pegando o carro do Nelson?" Nelson era um motorista que tinha um Chevrolet antigo, de portas pequenas, que andava, no máximo, a 40km/h. "Major, eu estava acampanando o (inaudível), em primeiro lugar, para assustá-lo porque ele estava solto 'na raia' fazendo o que bem entendia."

A imprensa toda era contra o Governo. Estavam unidas a *Globo* e a *Tupi. O* único jornal do Governo era o *A Última Hora,* que foi tirado do ar também. Como o Governo não tinha nada, eles podiam dizer o que bem entendiam sobre o assunto. Ele me disse: "Eu ia 'comer' o Lacerda, mas não ia botar os meus homens, que eram poucos; não eram aqueles mil que a história fala e estavam muito 'manjados'. Eu sabia a vida do Lacerda toda e ele também sabia que eu estava acampanando, pois eu fazia questão de que ele soubesse que estava sendo vigiado. Como meus homens estavam muito 'manjados', eu mandei chamar outros dois e, quando eles chegaram aqui, embaixo do Palácio," - o Gregório não subia no gabinete, como falam - "e viram o interesse que determinadas grandes figuras, principalmente de São Paulo, tinham, porque o Lacerda os atacava tremendamente, particularmente quando estava precisando de recursos, e resolveram fazer a coisa por conta própria. Veja: eu tinha um carro que andava a 15 )km/h e era blindado. Vê lá se eu ia fazer um atentado com um Ford 'Bigode'. Em segundo lugar, eu tinha atiradores daqueles que acertavam em uma mosca à

distância de 100m. Aqueles camaradas resolveram fazer a coisa por conta própria e fizeram aquela bobagem toda que aconteceu. Pois bem, eu assumo a responsabilidade porque não tem outra maneira. Eu ia fazer isso tudo, mas, como eu tinha um livro da vida dele, eu ia transformar isso num crime passional."

Depois fiquei sabendo por que ia ser um crime passional: ele ia ser morto numa cama. "Depois, o problema passava a ser deles e do marido. Agora, eu assumo isso porque não tem outra solução."

O Dr. Getúlio nem tomava conhecimento dos ataques. Ele era uma figura. Você podia atacá-lo e ele não se importava; mas ele não aceitava quando falavam dele na qualidade de Presidente da República, o homem que estava comandando o País. Quando fui lá, o Gregório me contou isso. Ele foi condenado.

Agora, falarei sobre o atentado. Tenho guardado, em minha casa, um recorte de um artigo do Ministro Armando Falcão, em que elo conta que foi a um hospital e encontrou o Lacerda, que estava com a perna engessada. Entraram no carro e o Lacerda foi sentado atrás, com a perna no banco da frente. Isso foi escrito pelo Ministro. Recortei o artigo do jornal. O Lacerda estava muito choroso porque achava que o revólver dele tinha acertado o Major Vaz. Chegaram à casa dele e subiram. O Ministro desceu, às 3h da manhã, falou com os peritos da polícia, perguntou se já tinham alguma informação e disseram que haviam encontrado um buraco d 3 bala que parecia ser de uma arma 45mm. Haviam encontrado também um "negocinho" azulzinho, no meio do buraco. Essa era a cor da camisa do

Major Vaz. Então, quando o perito disse isso, o Ministro subiu e falou para o Lacerda: "Olhe, não foi o seu revólver, que era 38, porque assim me disse o perito".

Na verdade, nem levaram material ao laboratório para verificar. E, naquele momento, ficou decidido que o revólver não teria sido o do Lacerda. Mas, na realidade, nunca mais se falou nisso. Nunca mais se tocou nesse assunto. E ninguém sabe se houve perícia no laboratório. Eu estava lá quando do Dr. Getúlio se suicidou, e eles levaram tudo para periciar no laboratório. Esse resultado nunca veio do laboratório.

Então, essas são coisas que entraram para a história na tentativa de transformar o Dr. Getúlio num assassino. Quiseram fazer dele o responsável por tudo que aconteceu. Esses fatos, entre outros, serão contados no livro. Eu queria dizer isso em público, porque ninguém conhece todas essas histórias.

O Climério ia ser solto em 30 dias, mas foi assassinado na cadeia. Foi assassinado porque não queriam que ele contasse o que, na realidade, havia acontecido. Quanto ao Lacerda, imaginem se um camarada, após levar um tiro na perna, vai engessá-la. Cada vez que fosse fazer curativo, teriam de tirar o gesso e fazer outro. Então, isso tud4 ficou para trás.

Digo isso porque o Dr. Getúlio, quando lhe comuniquei o atentado, disse assim: "Mas isso para o meu governo é muito pior do que todos os ataques. Ele pode falar o que ele quiser. Mas isso é muito pior". E mandou chamar o Gregório. Fui eu que o chamei. Foi a ocasião em que o

Gregório subiu lá. Dr. Getúlio perguntou: "Você teve alguma coisa a ver com isso?". E ele disse: "O senhor perdeu a confiança em mim?". Dr. Getúlio respondeu: "Confiança é outra coisa. Pode ir embora".

E assim, cada dia, o crime tinha um mandante. Disseram: "O Lutero Vargas é o mandante dos (ininteligível)". O Dr. Getúlio mandou chamar o próprio filho, que também entrou para a história como mandante. Mandou chamar o Chefe de Polícia e o Vice-Presidente da República. Eu os chamei e os dois ficaram na sala. O Lutero chegou e eu só vi quando o Dr. Getúlio perguntou "Você tem alguma coisa?", porque, em seguida, saí. O Lutero ficou lá dez minutos e saiu tranqüilo. Entrei, o Dr. Getúlio estava tranqüilo e me perguntou: "O que nós temos hoje?". Respondi: "O senhor tem o Vice-Presidente da República e o Chefe de Polícia". Ele mandou: "Mande-os embora". Eu disse: "Mas sirvamos ao menos um cafezinho, já está tudo providenciado". Então, creio que, naquele momento, se o Lutero tivesse confessado - ele não ia mentir para o pai, duvido que alguém mentisse -, o Dr. Getúlio teria entregado o filho ao Chefe de Polícia e passado o Governo ao Dr. Café Filho.

Então, essas coisas que a história não conta, além de outras tantas, estou contando nesse meu livro. São assuntos que perrranecem no ar. O crime da rua Toneleiros e a extradição de Olga Benário, pelos quais Getúlio foi responsabilizado. Na verdade, ele nem sabia dessas coisas. A determinação de extradição veio direto do Judiciário. Foi o Supremo Tribunal Federal que a determinou. Depois, perguntei para um juiz, que me disse que lá, na Alemanha, estavam registradas mais de 400 mortes

decorrentes de atentados praticados pela Olga. Toda a Alemãnha tentava pegá-la. E ela fugiu para a União Soviética. Creio que até os russos não a queriam lá, porque a mandaram junto com o Prestes quando fele veio ao Brasil. O Brasil, que tinha relações diplomáticas com a Alemanha, não podia deixar de atender àquela determinação do Judiciário.

Agora, tenho uma imensa saudade, porque, se verificarmos hoje - o Professor sabe disso -, pouca coisa existe, neste país, que não tenha sido feita na Era Vargas. Podemos fazer o levantamento que quisermos, sempre chegaremos à Era Vargas, quando havia um nacionalismo: "O Brasil é nosso!"

Quando o Dr. Getúlio deixou o Governo e o Presidente Dutra assumiu, o Brasil tinha muito dinheiro lá fora, porque havia exportado para todos os aliados. Tínhamos muito dinheiro lá fora.

Veio o Dutra e só com ioiô foram gastos milhões de dólares. Todo esse dinheiro foi jogado fora. Esses valores todos tenho guardados e vou escrever para mostrá-los. Ele comprou tudo o que era bobagem e começou a fazer uma nova dívida externa.

Muito obrigado pela oportunidade de me pronunciar e falar sobre esses assuntos que ainda são discutidos.

Outro dia, meu neto disse: "O que o Dr. Getúlio fez com a Olga?" Isso me irritou profundamente porque eu conhecia o caso. Fica aqui o depoimento de quem esteve lá e não inventou romance. Quando eu perguntei ao Dr. Getúlio, ficou claro que ele não sabia que existia Olga. Nunca deu ordem para prender ninguém. Os Poderes eram distintos.

Embora fosse uma ditadura, ele administrava e os militares escolíliam. Como ele era muito competente, a administração eles delegavam a el5, por sorte do Brasil.

Muito obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA ELIANA PEDROSA) - Nós agradecemos ao Cel. Aviador Hernani Fittipaldi o seu pronunciamento. Todos nós que estamos nesta sala somos privilegiados por escutar a história como ela é: viva.

SR. HERNANI FITTIPALDI - Em 50, quando houve ás eleições, eu estava no Ceará, onde eu servia, e já era amigo do Dr. Getúlic. Fui a uma feira em que havia aqueles poetas populares e comprei um daqueles poemas sobre Getúlio. Os versos do poeta diziam assim: "Pode o porco ser grã-fino, pode o pato não nadar, pode o leão ser mofino, pode o gato não miar, a galinha criar dentes, gente virar serpentes, mas Getúlio va voltar."

PRESIDENTE (DEPUTADA ELIANA PEDROSA) - Somos privilegiados por conhecer e tentar entender um pouquinho da história do Brasil num momento tão importante quanto foi a Era Vargas, p )r tudo que ela nos legou.

Muito obrigada, Cel. Fittipaldi. Estou felicíssima por tudo que aprendi aqui. E, mais do que oportuno: o filme Oiga foi lançado, esta semana, aqui em Brasília. Ouvimos essa declaração de que, com base no princípio da independência dos Poderes, a extradição foi uma decisão do Supremo Tribunal Federal, embora a carga toda tenha sido jogada sobre o nosso ex-Presidente Getúlio Vargas.

Com a palavra o jornalista Rubem de Azevedo Lima, também uma pessoa que pôde acompanhar, como jornalista, a Era Vargas.

SR. RUBEM DE AZEVEDO LIMA - Gostei do tom de reminiscência do Cel. Fittipaldi. Que ele me permita começar da mesma forma.

Sou filho de um Deputado dos anos 20 que foi eleito por um grupo socialista do Rio de Janeiro. Tive até o prazer de ver o nome de meu pai no livro sobre a história dos partidos políticos que o professor lançou. Esse homem era um dos poucos oposicionistas da época. O partido chamava-se Bloco Operário Camponês. Era um partido de esquerda. Meu pai era um burguês, um médico, e já tinha exercido mandatos anteriores. O voto era distrital e meu pai foi eleito pelo Distrito Operário de Sã<o Cristóvão, no Rio de Janeiro. Menino ainda, tive o prazer de conhecer a vida política de meu pai.

Como era homem de oposição, a casa em São Cristóvão era muito freqüentada por políticos gaúchos, curiosamente, alguns amigos de Getúlio e alguns inimigos. Era uma comunidade que discutia os problemas do País e eu, menino de 7 anos, que gostava muito de ouvir, dormia embalado por aquela conversa.

Lembro-me de uma vez em que despertei com uma discussão entre os homens que eram quase todos de oposição ao Governo Federal. E uma dessas pessoas, que, depois, encontrei novamente como Deputado Federal na Constituinte de 1946, no Palácio Tiradentes, proferiu palavras que me surpreenderam, porque eu achava que eram xingamentos trocados

entre eles. Permitam-me repeti-las. Essas palavras não têm a conotação que parecem ter, a mesma que eu, à época, imaginei que tivessem; "Isso são caganifâncias de bedamerdas". Não é nada de mais, apenas que "são bobagens de pessoas inexpressivas". Era o Deputado Flores da Cunha.

Meu pai foi exilado por Getúlio Vargas. Éramos doze irmãos. E o meu depoimento tem essa conotação de quem se criou num ambiente de oposição ao Getúlio. Essa oposição, naquela época, durou pouco tempo. Elegeram, além do meu pai, doze vereadores no Rio de Janeiro; Minervino de Oliveira, se não me engano, e líderes sindicais.

Este meu depoimento pretende mostrar o lado de quem não conviveu com Getúlio e só veio encontrá-io na Constituinte de 1946, como simples constituinte. Este depoimento é de alguém que não teve envolvimento direto com Getúlio, mas que não pode deixar de reconhecer que esse homem foi o maior estadista que este país já teve, porque ele criou as coisas que impulsionaram o desenvolvimento nacional. Como exemplo, a Petrobras e a Companhia Vaie do Rio Doce. Infelizmente, uma está sendo devastada e outra foi entregue por um valor ridículo: pouco mais de US$ 3.000,000.000,00 (três bilhões de dólares), quando tem um potencial de riqueza de mais de US$ 100.000.000.000,00 (cem bilhões de dólares).

Nesse convívio, eu estava no Palácio Tiradentes quando foi aberta a sessão da Constituinte e o ex-Presidente Vargas lançou um desafio em resposta a provocações de Deputados da Oposição, que na época era a UDN: quem quisesse tirar satisfação com ele, que esperasse lá fora. Houve

uma resposta pronta de um Deputado que era general: o pai do, depois, Presidente Figueiredo. Mas tudo acabou bem.

Depois, fui trabalhar em dois jornais. Um deles era fortemente oposicionista e tinha como proprietário alguém que teve seu nome citado pelo Cel. Fittipaldi: Carlos Lacerda. O outro jornal em que trabalhei era o *Correio da Manhã.* Eu trabalhava num jornal pela manhã e, em outro, pela tarde. Os dois jornais, curiosamente, dão fundos um para o outro, na Avenida Gomes Freire e na Rua do (ininteligível).

Quando da morte de Getúlio, em 1954, lembro-me de alguns doidos que estavam na tribuna e quiseram fazer uma resistência ao povo, que, no finai, manifestava-se contra o desfecho daquele episódio do processo da República do Galeão, em que se queria humilhar o Presidente Getúiio Vargas. Naquela época, usavam-se nas oficinas bujões de ácido para a impressão e esses bujões foram colocados em cima da escadaria para serem jogados, mas ninguém o fez. E também ninguém invadiu nada, apenas quebraram algumas coisas. Na verdade, todos saíram pelos fundos do *Correio da Manhã*, que era uma saída que, de fora, não se sabia que existia. Essa é uma coisa, entre outras, que me lembra Getúlio.

Há uma observação que me fez o ex-Senador, ex-Governador da Bahia, ex-Ministro Luís Viana Filho, que contou, para a minha surpresa - e ele era do Partido Liberal, contra Getúlio até a alma -, que, no interior da Bahia, durante a campanha em que Luís Viana tentava se eleger Deputado e o Getúlio era candidato à eleição, em 50, o ex-Ministro encontrou, nas cidades pequenas, trabalhadores, operários e camponeses - hoje não se usa

mais essa expressão, agora usa-se trabalhador sem-terra - que pagavam para o datilografo escrever o nome de Getulio como forma de eles conseguirem votar em Getulio Vargas. Esse é um depoimento insuspeito, como é também aquele que faço sobre Getulio, quanto aos feitos dele em favor do País. Imaginem um homem como Luís Viana reconhecer que Getulio tinha um prestígio popular como ninguém.

Recordo o discurso feito, em fevereiro de 1954, pelo então Líder da UDN, Afonso Arinos de Melo Franco, que chamou Getúlio: "Homem, assuma a grandeza que o ser humano deve ter. Abandone esse cargo. O Brasil não merece a indignidade da sua presença." Tudo dito movido pela paixão do episódio da Rua Toneleiros.

No dia da morte de Geiúlio, ele era um dos homens mais chocados com a reação do povo ao acontecimento. O Rio de Janeiro se deslocou todo para a Zona Sul, para o Palácio do Catete, e fez uma vigília cívica em homenagem à memória de Getulio, Um homem que tem essa defesa. Um livro de um colega nosso, Glauco Carneiro, que colheu depoimento do Lourival Fontes, revelou algumas anotações de Lourival Fontes sobre o que o Getulio passava a ele. "Quem foi que escreveu esse artigo na *Tribuna?* Não foi o Lacerda". Então, perguntaram: "Por quê?". Getulio respondeu: "Porque o Lacerda tem defeitos, mas o dialafrário é brilhante".

Realmente, a meu ver, Lacerda desviou-se do jornalismo por uma posição ideológica. Ele era um grande jornalista, um dos maiores deste país.

Não quero me prolongar porque os senhores terão outros depoimentos. Concluo meu pronunciamento dizendo que o Getúlio merece esta homenagem e merece que a mocidade brasileira conheça os feitos desse homem, porque ele teve uma qualidade acima de todos os defeitos: ele amou este país como ninguém.

Muito obrigado aos senhores. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA ELIANA PEDROSA) - Muito obrigada, Dr. Rubem de Azevedo Lima, por esse depoimento tão importante de alguém que, em função do acontecido com o seu pai, teria motivos para não reconhecer os méritos de Getúlio Vargas.

(Registro de nomes.)

Concedo a palavra ao Prof. Valmireh Chacon, a próxima pessoa a receber o título de Cidadão Honorário de Brasília, por tudo o que tem feito pelo Distrito Federal.

SR. VALMIREH CHACON - Antes de mais nada, saúdo, em especial, a Deputada Eliana Pedrosa, Presidente desta sessão, e agradeço a S.Exa. a generosa idéia de me conceder o título honroso de Cidadão Honorário de Brasília, após trinta anos nesta cidade. Naturalmente, saúdo o Magnífico Reitor do UniCEUB, instituição em que sou professor, depois de ter sido, por muitos anos, professor da Universidade de Brasília. Saúdo também os demais companheiros da Mesa, os brasileiros e brasileiras presentes.

É inevitável que comecemos com algumas breves palavras sobre o filme Olga. Vamos por etapas. Ninguém mais insuspeito que o viúvo Luís

Carlos Prestes para fazer a autocrítica de 1935. Mais de uma vez, ele reconheceu, em entrevistas - pena que não tenha chegado a escrever um livro -, a pessoas diferentes, que o Levante de 35 foi um erro e que o responsável por esse erro foi ele. Foi um levante prematuro e imaturo. Relembro que não havia ditadura em 1935. A ditadura veio depois e poderia ter vindo mesmo sem 1935. Mas, como não se faz história na base do "se", houve 1935.

A Aliança Nacional Libertadora não era formada só por comunistas. Havia muitos nacionalistas, liberais de esquerda e democratas. Aquela precipitação está, em grande parte, analisada muito bem no livro *Camaradas,* de William Waack. Não deixem de comprar esse livro porque a sua documentação é de Moscou, e não dos Estados Unidos ou do Brasil. São os arquivos da União Soviética, abertos após o seu fim, que trazem a documentação exaustiva sobre o que significou aquele fracasso.

Havia um tratado de extradição em vigor entre Brasil e Alemanha. Hitler tinha assumido o poder na Alemanha há dois anos, em 1933. Não se falava em Segunda Guerra Mundial. Naquela fase, Hitler era elogiado pelos políticos ingleses, americanos e franceses, com o título de anticomunista. Logo em seguida, em setembro de 1939, já entrando na Segunda Guerra Mundial, Hitler aliou-se a Stalin para invadir a Polônia. Portanto, Hitler tinha simpatizantes de um extremo ao outro do cenário político mundial, passando, inclusive, pelo centro.

Churchill, que simpatizou com Hitler, escreveu, em plena Segunda Guerra Mundial, um artigo muito bom, favorável a Hitler. Churchill

teve a honra e a dignidade de reproduzi-lo em um livro seu de depoimentos, que foi traduzido para o português.

O Sr. Luís Carlos Prestes cometeu esse erro político e militar, arrastando uma porção de gente que não tinha nada a ver com o movimento. Os sindicatos não se solidarizaram e não houve mobilização popular nenhuma. Lá na redação do *Correio da Manhã*, conhec inúmeros participantes da Aliança Nacional Libertadora - inclusive o próprio Graciliano Ramos - que foram pegos de surpresa e presos, sem terem nada a ver com o assunto. Aquilo não passou de uma quartelada, e em três ou quatro quartéis. E deu no que deu! Vejam, no filme, como terminou tudo isso.

A Olga veio para o Brasil, em última instância, por responsabilidade pessoal do Prestes. Foi ele que convenceu Manuilski, Secretário-Gerai do Komintern - a Internacional Comunista de Moscou - a fazer aquela aventura no Brasil. De tudo isso, vamos reconhecer a honra pessoal de Prestes. Ele era um idealista, um romântico e provavelmente nunca foi um marxista. Acredito que tenha sido comunista, mas marxista com certeza não, e retratou-se mais de uma vez. Em uma delas, foi filmado e apresentado em uma minissérie de televisão há alguns anos, assumindo - repito, mais uma vez, com muita dignidade - que o único responsável por aquilo tudo tinha sido ele pessoalmente. É nisso que resulta a concentração do poder e vamos chegar novamente ao Presidente Vargas por um caminho um pouco longo.

A concentração do poder traz mais prejuízos do que benefícios. Por quê? Na realidade, as ditaduras costumam acertar mais; porém, também

costumam errar mais. As democracias acertam menos, mas erram menos. Não vamos subestimar de forma alguma o que o próprio Stalin fez pela União Soviética. Toda a revolução industrial soviética foi consumada e o seu prestígio político internacional atingiu o auge. Não vamos esquecer o que Hitler fez pelo operariado alemão até 1939, quando lançou a Alemanha e o mundo não só a uma guerra mundial pior do que a anterior, como também ao Holocausto - contra os judeus, contra os ciganos e contra outras minorias.

Um grande político britânico, Lorde Acton, disse muito bem: "Todo poder tende a corromper, mas o poder absoluto corrompe absolutamente". Ele nunca disse "Todo poder corrompe", como reproduzem os jornais e os livros. Ele disse: "Todo poder tende a corromper, mas o poder absoluto corrompe absolutamente". Na realidade, a escravidão escraviza não só o escravo, mas também o senhor do escravo. É bom que nunca esqueçamos isso. O ditador não só aprisiona o povo, como também é aprisionado pela ditadura.

O Presidente Vargas não queria se recandidatar à Presidência da República, Ele tinha sido eleito pelo voto indireto, pela Constituinte de 1934, e não queria se recandidatar pelo voto direto em 1950 - isso foi publicado nos jornais no domingo passado. Foi Alzira Vargas, sua filha, e alguns amigos que o convenceram, alegando que ele precisava se limpar da mancha da ditadura. Ele aceitou a contragosto, com seu espírito de responsabilidade e com o seu sentido de missão histórica.

As pessoas não quiseram aceitar que Vargas concluísse seu mandato pacifica e democraticamente, como estava previsto e como ele já

estava encaminhando. Leiam a biografia de Juscelino Kubitschek, por Cláudio Bojunga, onde está o relato de Tancredo Neves, depoimento obtido pelo autor. Quando o Presidente veio inaugurar a siderúrgica Mannesmann, em Belo Horizonte, ele propôs a Juscelino ser seu candidato. A aliança democrática - acrescente-se ao depoimento de Tancredo Neves o depoimento do coronel - e as oposições não queriam acreditar. Elas diziam que na realidade era continuísmo, repetição do esquema José Américo e Armando de Salles Oliveira, em 1937. O Brasil era outro! Vargas não estava propriamente neutro como aparentava estar em 1937. O mundo era outro e dessa vez ele tinha candidato pessoal, algo que nem José Américo tampouco Armando de Salles Oliveira eram.

Vargas tinha criado ao mesmo tempo o PSD e o PTB. Ele era presidente de honra de ambos os partidos - um partido tradicional dos interventores, depois chamados de governadores, e um partido sindicalista. Enquanto existiu essa aliança, o Brasil teve governabilidade. Sempre que essa aliança foi rompida, o Brasil perdeu a governabilidade.

O Brasil, a partir da segunda fase da presidência Vargas, passou a viver sob um presidencialismo de coalizão. Todo Presidente da República brasileira que perde a maioria no Congresso Nacional cai, e o Presidente Vargas perdeu essa maioria de fora para dentro no Congresso Nacional, por pressão dos militares, da imprensa e dos grandes grupos econômicos, sobretudo os internacionais. Eram, e são, contra a Petrobras e contra a Eletrobrás, tudo isso incluído, evidentemente, no comportamento indisciplinado delas, e não foi apenas o Presidente Vargas quem o disse.

No seu discurso de despedida da Presidência dos Estados Unidos, o Presidente Eisenhower, herói de guerra, comandante das Forças Aliadas na Segunda Guerra Mundial, na Europa, disse exatamente a mesma coisa: ou a democracia americana controla o poder econômico, isto é, ou a democracia americana tem poder político sobre o poder econômico, ou ela simplesmente desaparecerá. Estamos vendo isso agora de novo no caso do Presidente George Bush. Não estou tomando partido, porque não tenho o *greencard*, não sou americano e não voto nos Estados Unidos.

O Presidente Clinton, ao longo de oito anos de mandato, tinha conseguido equilibrar o orçamento federal dos Estados Unidos e a balança de pagamento dos Estados Unidos que estava deficitária há 25 anos. Aquele escândalo de Mônica Lewinsky foi uma armação óbvia. Evidentemente foi uma falha pessoal do Presidente Clinton, que ele confessou por escrito na sua autobiografia, livro que será traduzido para o português. Em última instância, ele foi derrubado por isso. Ele não foi derrubado constitucionalmente, mas não fez seu sucessor.

Isso ocorreu por conta daquilo que o Presidente Eisenhower dizia e denunciava no seu discurso de despedida: pelo poder das multinacionais, principalmente as armamentistas. Os Estados Unidos voltaram ao déficit público federal e ao déficit das suas importações e exportações sí porque o complexo industriai militar, mais do que nunca, está mandando nos Estados Unidos da América. É só ligar a televisão para ver o caso da Guerra do Iraque. O que sucede? O complexo não está sozinho, porque um empreendimento como a Remington, por exemplo - e pouca gente sabe

disso -, fabrica computadores com outros nomes e fabrica fuzis e metralhadoras como outrora fazia as máquinas de escrever. Tem um lado militar, um lado civil e tira o dinheiro de onde pode tirar.

É preciso que compreendamos as limitações e as contradições do poder, principalmente do poder absoluto. O Presidente Vargas pôde acertar muito entre 1937 e 1945, mas errou muito. Acertou e nem sempre nos lembramos da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda. Acertou no Instituto Rio Branco, que foi criado para treinar os diplomatas. Acertou na CLT - Consolidação das Leis do Trabalho -, que não foi uma criação dele. É uma consolidação de reivindicações que já vinham desde os movimentos anárquico-sindicaiistas e das jornadas de greves no País inteiro, sobretudo nos grandes centros urbanos, em defesa do dia de trabalho de 8 horas, repouso dominical, férias anuais, previdência social, legislação de proteção às mulheres e às crianças. Essa agitação havia se materializado em pouquíssimas leis. Mas, repito, o Presidente Getúlio Vargas consolidou essas reivindicações populares dos movimentos anárquico-sindicaiistas. Leiam o livro *Anarquistas, graças a* Deus, de Zélia Gattai, viúva de Jorge Amado.

Getúlio errou da maneira que sabemos porque a ditadura foge ao controle. Nem todos os crimes de Stalin foram de autoria de Stalin, o que não diminui a sua responsabilidade. É de pasmar, sobretudo quando se lêem, hoje, biógrafos alemães e estrangeiros mais distanciados do tempo da personalidade Hitler. Muitos dos crimes de Hitler não foram cometidos por ele, mas, sim, por seus asseclas, o que também não o isenta de

responsabilidade. Também não isenta o Presidente Getúlio Vargas, não no caso de Olga, que foi em 1935, antes da ditadura, quando havia divisão de poderes. Portanto, o Supremo Tribunal Federal fez apenas executar um tratado de extradição vigente numa época,

Quero concluir dizendo aos senhores mais jovens que não alcancei essa época, mas meus pais falavam a respeito. O Brasil, antes de 1930, antes do Presidente Getúlio Vargas, não passava de um enorme fazendão. O Brasil, antes de 1930, era o "café-com-leite". Era uma enorme fazenda de café, com um gado mineiro em cima disso. Quando Minas Gerais e São Paulo se desentendiam quanto à sucessão, saía um nordestino, Epitácio Pessoa, da Paraíba ou saía um militar, que vez por outra voltava a sair, como Hermes da Fonseca. Habitualmente havia alternância entre os dois estados. Quando deixou de haver alternância, houve a R4volução de 1930, porque Washington Luís, Governador de São Paulo, em vez de aceitar Antônio Carlos, Governador de Minas Gerais, como seu sucessor, impôs o paulista Júlio Prestes e, nesse momento, a conspiração que havia na Paraíba e no Rio Grande do Sul ganhou apoio em Minas Gerais e foi possível ganhar a Revolução de 1930, como sabemos.

Esse enorme fazendão foi completamente modificado. Sabemos perfeitamente qual é o Brasil de hoje. Quero dizer ao Cel. Fittipaldi que também não presenciei aquele episódio, embora já tivesse nasdido. Eu era estudante de Direito quando Getúlio Vargas se suicidou ou "foi suicidado". Chamo simplesmente a atenção para o seguinte: os oficiais-generais, inclusive o Brigadeiro Eduardo Gomes, da Aeronáutica, que induziram ou

coagiram Getúlio Vargas ao suicídio, eram os antigos tenentes de 1922 e de 1930. Eles nunca se entenderam. Rubem e eu chegamos a conhecer alguns deles pessoalmente. Precisamos lembrar do Marechal Cordeiro de Farias, um dos mais brilhantes intelectuais daquela geração. Nem o próprio Cordeiro de Farias, muito político, conseguiu reunir aquele pessoal.

O Marechal Odílio Denys escreveu um livro intitulado O *Círculo Revolucionário Brasileiro*. É um livro bem fino que existe na Biblioteca da UnB. Não sei se existe na Biblioteca do UniCEUB, mas, se não existir, peço ao reitor que o compre, porque, além de muito barato, é utilíssimo. Ele traz exatamente o testemunho pessoal.

O ano de 1964 foi o último produto de 1922. Em 1922 houve três acontecimentos fundamentais para o Brasil: a Semana de Arte Moderna de São Paulo, a Fundação do Partido Comunista Brasileiro e o Levante do Forte de Copacabana no Rio de Janeiro, dando início ao tenentismo. A geração que fez 1922 fez 1964.

O último tenentista brasileiro, com suas qualidades o com seus defeitos, foi o Presidente General Ernesto Geisel. Ele era Segundo-Tenente na Paraíba, quando, em companhia do Capitão Juraci Magalhães, sublevou a guarnição da capital, que ainda não era chamada de João Pessoa. Esse nome veio depois de um martírio que não aconteceu por motivos políticos, e, sim, puramente pessoais, como sabemos e sobre os quais nem Vargas nem Washington Luís tiveram influência. Foram intrigas domésticas, locais, paraibanas. O Segundo-Tenente Ernesto Geisel e o Capitão Juraci

Magalhães sublevaram a Paraíba, receberam Juarez Távola, do Ceará, e marcharam juntos sobre Recife, sobre a Bahia e sobre o Rio de Janeiro.

O Presidente Figueiredo não era mais da geração tenentista e não é por acaso que S.Exa. era tão desencontrado consigo mesmo e com o Brasil. Não tinha, por melhores ou piores intenções que tivesse - não vou julgar o íntimo de cada um -, aquela visão de Brasil que os tenentistas tinham. O problema dos tenentistas é que eles tinham muitas visões do Brasil e não conseguiam compatibilizá-las. A prova disso está nas tentativas de levantes militares na presidência Geisel. Houve a tentativa de levante de seu próprio Ministro da Guerra, posteriormente chamado Ministro do Exército, o General Sílvio Frota. Houve conspirações do chefe da sua Casa Militar, General Hugo Abreu. Era impossível compatibilizar visões. Nenhum General-Presidente conseguiu compatibilizar os tenentistas entre si. Era totalmente impossível.

Isso se verificou no tempo de Juscelino Kubitschek, em Jacareacanga e Aragarças. Os tenentistas tinham projetos diferentes, cada qual tinha um projeto. Uns eram comunistas, como Prestes; outros eram fascistas e aderiram à ação integralista brasileira; outros eram liberais conservadores; outros, liberais de esquerda. Todos, sem exceção, eram menos ou mais nacionalistas. Tinham este ponto em comum: amavam o Brasil à sua maneira desencontrada, difusa e até confusa. Cada qual tinha um projeto diferente para o Brasil e cada qual queria impor, antidemocraticamente, seu projeto aos outros, inclusive o próprio Presidente Ernesto Geisel. Vejo também seu lado negativo, não só o lado positivo.

O Presidente Geisel tinha essa paixão nacionalista pelo Brasil. Foi, como sabemos, o presidente que mais estatizou a economia brasileira. Nunca João Goulart, acusado de esquerdista, propôs estatizações no Brasil como o Presidente Geisel. O Presidente Geisel estatizou no Brasil refinarias de açúcar e duas editoras - a Companhia Editora Nacional e a José Olímpio.

Fiquei perplexo ao ver um dia nos jornais, numa página inteira, que o Presidente Geisel tinha resolvido estatizar os motéis no Brasil, sob um argumento, aliás, muito razoável, de que era uma excelente fonte de renda. Lá estava a estatização por meio da Embratur! Havia um prazo e um cronograma - algo bem característico dos militares e dos tenentistas - para estatizar os motéis.

Era essa a visão. Eles eram nacionalistas à maneira deles, muito pouco pragmáticos, muito românticos, inclusive o próprio Prestes, muito passionais e exaltados. O Eduardo Gomes, nosso coronel da Aeronáutica, o conheceu de perto e sabe que aquilo era uma fachada. Era um homem bravo, corajoso, mas extremamente apaixonado, incapaz de ouvir argumentos de qualquer pessoa. Uma das características desses tenentistas é que eles nunca ouviam argumento de ninguém. O Marechal Cordeiro de Farias pelo menos fingia que ouvia a nós, jornalistas. Fingia muito bem, mas não ouvia ninguém. Cada qual tinha um projeto diferente para o Brasil e queria impor aquilo de qualquer jeito.

Foi com essa gente que Vargas teve de conviver. Se é difícil conviver com Deputados e Senadores numa democracia, imaginem os senhores conviver com esses tenentes de 1922 e de 1930, depois

transformados em generais de quatro estrelas, brigadeiros de quatro estrelas e almirantes. O Hercolino Cascardo, comandante da Aliança Nacional Libertadora, era um almirante democrata ao lado de forças populares.

Era impossível conviver humanamente com aquele pessoal. Deu no que deu. Todos tinham um denominador comum: o inimigo em comum era o então Presidente Vargas, era quem estava impedindo que cada um deles fizesse o seu projeto pessoal nacionalista, de esquerda, de direita e de centro no Brasil, Ele era o responsável por tudo, era o obstáculo, ele tinha de ser removido. Graças a Deus não foi, nem mesmo pela morte, porque, pelo suicídio, o Presidente Vargas adiou por dez anos a intervenção militar no Brasil, de 1954 para 1964, e fez o seu sucessor.

O ex-Presidente Vargas tinha de ser removido. Está certo o Coronel, e ele, como major naquele tempo, oriundo da Força Aérea Brasileira, sabia muito bem como era, de fato, impossível conviver com aqueles tenentistas. Não estou generalizando os militares. Os militares e nós, civis, sabemos - nunca fui militar, sou reservista de terceira categoria e também nunca freqüentei o Colégio Militar - que a imensa maioria do corpo de oficiais e suboficiais das Forças Armadas Brasileiras é legalista, democrático e provém de classes sociais populares, sobretudo nas últimas décadas, das classes média baixa e baixa. São pessoas que procuram o mérito nas Forças Armadas, pois lá ainda existe meritocracia.

Os concursos para os colégios militares e depois para admissão nas academias militares não seguiam pistolão nem faziam nenhum tipo de concessão dentro da carreira, a não ser na promoção final de coronel para

general, que, conforme determina a Constituição Federal, é 100% política, não é propriamente meritocráíica. Sabe aqui o próprio coronel que isso é feito por antigüidade e merecimento, e o merecimento é por uma contagem matemática de pontos, cursos e postos que o indivíduo ocupou.

Uma coisa são as Forças Armadas profissionalizadas que o Presidente Vargas profissionalizou. Não se esqueçam de que a Aman, a Academia Militar de Agulhas Negras, foi construída por ele. Aquela escola militar improvisada, antes de ter sido organizada pela missão francesa na Praia Vermelha, era uma coisa doméstica, por maiores figuras que ela tivesse dado ao Brasil. O Duque de Caxias era filho de general e marechal, neto, bisneto e trineto de oficiais-generais brasileiros e, antes da Independência, de oficiais portugueses. Isso era algo de família, com suas qualidades e defeitos e, com o tempo, ficou totalmente superado,

Foi trazida, antes de Vargas, uma missão militar do Exército Francês após a Primeira Guerra Mundial - a França foi uma das vitoriosas naquele conflito. Então, começou a profissionalização, finamente, do Exército e das demais Forças Armadas brasileiras. O Presidente Vargas adiantou e consumou esse processo.

Enfim, o ex-Presidente Vargas, a meu ver, foi vítima n ao somente dos seus fracassos, mas também dos seus êxitos. Quanto mais êxito ele tinha, mais desgostava não somente às lideranças c ivis, mas, principalmente, aos interesses econômicos internacionais contrários à independência econômica do Brasil - hoje em dia há uma interdependência econômica internacional - e, sobretudo, aos tenentistas de 1930, que, bem

ou mal, à maneira deles, vieram até o então Presidente Geisel. Sabemos - inclusive sentimos na nossa pele - o que significou o Presidente Geisel, não somente os seus erros, mas também os seus acertos, os quais o tempo mostrará.

Desculpem-me por ter me alongado. É a deformação do professor.

Muito obrigado.

PRESIDENTE (DEPUTADA ELIANA PEDROSA) - Agradeço ao Sr. Valmireh Chacon pela reflexão sobre a Era Vargas até o período da Ditadura.

Concedo a palavra ao Magnífico Reitor do UniCEUB, Sr. Getúlio Américo Moreira Lopes, herdeiro de um getulista histórico, que foi João Herculino, que, com 22 anos, já era prefeito, já estava na política.

SR. GETÚLIO AMÉRICO MOREIRA LOPES - Em nome da Deputada Eliana Pedrosa, saúdo todos os componentes da Mesa.

Prezados alunos, professores, demais autoridades presentes, senhoras e senhores, em primeiro lugar, agradeço à Câmara Legislativa do Distrito Federal e à Deputada Eliana Pedrosa a iniciativa de trazer para o meio universitário - e justamente o UniCEUB - esta discussão sobre a vida de Getúlio Vargas.

Aqui falaram testemunhas vivas da época de Getúlio. É realmente gratificante estar aqui ouvindo os relatos de pessoas que conviveram com Getúlio e conheceram esse grande estadista brasileiro. Eu o considero o maior estadista do País até hoje. Apesar de ter sido um ditador,

ele era democrático, nacionalista, amante do Brasil e queria vê-lo andando para frente.

Não entrarei em detalhes sobre os feitos de Getúlio, mas falarei da relação que meu pai tinha com ele. No livro escrito pelo meu pai, *Minhas Melhores Lembranças*, ele dedica vários capítulos à vida e ao convívio dele com Getúlio. Citarei até os capítulos: Getúlio em Minha Vida; Eleito Prefeito; Tomando Posse; Indo ao Catete; O Lado Amargo do Poder e5 Órfão de Getúlio. Nesses capítulos, ele fala sobre a intimidade dele, a vida dele com Getúlio e ressalta algo muito importante: Getúlio parecia aquela pessoa temida, pois era um ditador, tinha personalidade forte, às vezes era mal-entendido, considerado frio e calculista, mas, na realidade, o meu pai sentia algo totalmente diferente em relação ao Getúlio. Ele o conheceu num comício em Pirapora, quando Getúlio era candidato a Presidente da República. O meu pai era menino, mas já era um orador de primeira desde aquela época. Sempre ia àqueles movimentos católicos. Inclusive, naquela ocasião, ele, com 21 anos, liderou o movimento da Central do Brasil, que foi uma greve violentíssima. Na época, em Sete Lagoas, Minas Gerais, havia uma posição muito forte da Central, lá era um ponto estratégico da Central do Brasil.

Por causa disso, ele foi escolhido para falar em nome dos trabalhadores nesse comício, e o Getúlio gostou muito dele: "Como pode um menino desse tamanho estar representando os trabalhadores de Minas Gerais, fazendo um discurso tão bom que até impressionou o Presidente da República?" Depois do discurso, Getúlio chamou o meu pai e disse: "Olhe,

você poderia se filiar ao PTB. Apesar da pouca idade, você já tem toda uma vida junto aos movimentos sindicais e trabalhistas." O Presidente ficou muito impressionado com a resposta que João Herculino lhe deu naquele momento: "Presidente, sinto-me muito honrado pelo convite, mas, antes de ingressar no PTB, eu gostaria de conhecer o programa do partido." O Presidente quase caiu duro com essa resposta: "Como se pode falar assim com o Presidente? Que menino atrevido!" Mas achou aquilo muito interessante. Daí, nasceu a amizade deles.

Getúlio falou para um ajudante dele, que era de Paraopeba, uma cidade vizinha de Sete Lagoas, o seguinte: "Olhe, não deixe de levar o programa para o João Herculino." Ele o levou e lançou meu pa a prefeito, naquela ocasião, contra todo o poder da cidade, dos banqueiros dos donos das fazendas, das indústrias. Eram três candidatos e, dificilmente, alguém poderia vencê-los, porque até entre eles a campanha seria Muito difícil. Porém, com esse movimento sindical, carregado pelos pobres, prosseguiu fazendo campanha de bicicleta pelo meio da rua, com o alto-falante pendurado o dia inteiro. Depois conseguiu uma portinha na praça, onde ficava fazendo seus comícios o dia inteiro, porque era na praça que se reunia o maior grupo de pessoas em Sete Lagoas. E conquistou a amizade e a confiança de todos os sete-lagoanos, sendo eleito prefeito.

Mais uma vez, naquela inocência de menino, ele to prefeito, tendo o Presidente Getúlio falado que gostaria de conversar com ele - daquela vez Geiúlio havia falado que tinha certeza de que seria eleito Presidente e ele prefeito de Sete Lagoas -, foi ao Palácio conversar com o

Presidente. Ao chegar lá, essa mesma pessoa da cidade vizinha já estava com uma postura totalmente diferente e não mais a postura de campanha política. Friamente o atendeu, dizendo que o Dr. Getúlio só recebia embaixadores, grandes industriais e que, se ele ficasse naquela fila, esperaria dois ou três anos para falar com o Presidente, se conseguisse falar.

Novamente, com rompante de menino, saiu dali e tentou mesmo assim, quando lhe disseram que o Presidente nem ali estava. Encontrava-se em Petrópolis descansando um pouco. Mas Presidente nunca descansa, pois já tinha várias audiências marcadas naquela cidade. Ele foi para Petrópolis e, na sala de recepção, disse que queria falar com o Presidente, contando toda aquela história. Responderam que não havia jeito. Naquele momento, vários jornalistas entraram e começaram a puxar conversa. Descobriram que estavam falando com um prefeito de apenas 22 anos, talvez o mais novo do mundo.

Quando o principal jornalista entrou, prometeu a ele que conseguiria falar com o Presidente Getúlio sobre a sua presença. Realmente, assim o fez e logo o Presidente mandou que reservassem uma audiência com ele. No outro dia, estava publicado nas manchetes dos jornais o prefeito mais novo do Brasil ou do mundo, não sei. E começou essa grande amizade. Todo o Palácio o conhecia. Em várias oportu idades, ele levou projetos e o Presidente Getúlio cooperou com todos.

Certa época, ele comentou outro caso. Precisavam de uma ambulância em Sete Lagoas, centro de região, e não havia uma sequer.

Getúlio pediu que procurasse a esposa dele, que fazia a parte de serviços sociais, como ainda hoje fazem as primeiras-damas.

Foi até lá e disse que foi mal recebido, que ela recebiía muito mal as pessoas. Houve uma discussão e ele apelou com a esposa do Presidente dizendo: "Olhe, a senhora pode não ter sua vida íntima com Getúlio, vocês dormem em quartos separados, mas aqui, nessa função, a senhora é esposa do Presidente da República e tem de atender muito bem todas as pessoas que vêm aqui". Dizendo isso, ele foi embora e voltou ao Presidente Getúlio, que mandou que algum Ministério, não sei se o da Saúde, arranjasse uma ambulância para resolver o problema.

O que ele mais falava de Getúlio era que, apesar daquela capa que tinha, por dentro era um homem bom. Com ele era até paternal, dizia, pois era um menino começando na política. Porém, ficava preocupado e chateado por ver que Getúlio, no fundo, era uma pessoa solitária, uma pessoa que deu a vida pelo País, um dos maiores estadistas.

E meu pai, fã dele, colocou meu nome Getúlio. Meu pai era engraçado, pois desde pequeno tinha essa mania de colocar nomes de famosos nos filhos: o primeiro filho tinha o nome de um Papa; depois Getúlio, nome de Presidente; aí veio a nossa irmã, Elizabeth, rainha; e, por fim, pôs o nome de João Herculino - "Eu vou ser grande, vou botar o nome nele para ver se dá sorte, vai ser grande também".

Ele cumpriu a sua trajetória política, foi duas vezes Deputado Estadual, quatro vezes Deputado Federal, e hoje tenho a certeza de que, onde ele estiver, está feliz e agradecido à Câmara Legislative do Distrito

Federal por estar fazendo essa homenagem a Getúlio Vargas aqui na Casa que ele fundou e à qual dedicou a maior parte da sua vida.

Agradeço muito a todos os presentes, aos palestrantes que realmente trouxeram a história viva de Getúlio. Esta é uma oportunidade para os nossos alunos, para todos os professores, para todas as pessoas conhecerem um pouco mais dessa grande pessoa que foi Getúlio Vargas.

Muito obrigado a todos. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA ELIANA PEDROSA) - Mais uma vez, Sr. Getúlio Américo, obrigada por esta oportunidade de conhecermos um pouco mais da história do ex-Presidente Getúlio Vargas e do Sr. João Herculino. Vamos sair daqui afiados.

Aproveito a oportunidade para dizer que vou requisitar do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas um discurso proferido ontem pelo Governador Aécio Neves a propósito de uma solenidade que ocorreu naquele Centro Universitário, em que se discutiu a Era Vargas. Assim farei para que ele conste dos Anais da Casa e seja mais um elemento para a sociedade brasiliense sobre o que foi e o que representou a Era Vargas não somente no passado, mas também os seus reflexos no presente. Que ele seja um guia para nós no futuro, na sua posição firme de mostrar um caminho para o Brasil, um caminho brasileiro, um caminho de mais independência e um caminho que é o que todos esperamos para as próximas gerações: que elas possam escrever a história do Brasil sem deixar que as potências internacionais econômicas a escrevam. (Palmaíi.)

Solicito que os operadores de som toquem a música do Ari Barroso que foi premiada num concurso do Departamento de Imprensa, que nos permitiu ter essa música tão especial desse autor, assim como de outros, tais como Ataulfo Alves e Lupicínio Rodrigues. Os grandes nomes da música popular brasileira tiveram oportunidade de ter os seus trabalhos premiados e divulgados por meio do Departamento de Imprensa criado pelo ex-Presidente Getúlio Vargas.

(Apresentação musical.)

PRESIDENTE (DEPUTADA ELIANA PEDROSA) - Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada a presente sessão.

(Levanta-se a sessão às 10h29min.)